

## MEMORIAIS COMO NARRATIVAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

**Ana Valéria de Figueiredo** (PPGE/UNESA) – [anavaleriadefigueiredo21@gmail.com](mailto:anavaleriadefigueiredo21@gmail.com)  
**Stella Maria Peixoto de Azevedo Pedrosa** (PPGE/UNESA) – [smpedrosa@gmail.com](mailto:smpedrosa@gmail.com)  
GT 12 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES

### Resumo:

A escrita de memoriais tem sido referendada como uma das práticas curriculares nos processos educativos ligados à Educação a Distância. Essa escrita, narrativa por excelência, conta as passagens e marcos ligados à formação profissional, imbricados com a formação pessoal. Partindo desse ponto de vista, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a escrita de memoriais como relatos (auto)biográficos de formação profissional e pessoal e também como estratégia curricular nos processos de EaD. Partimos de um questionário aberto respondido por professores, participantes de um curso de especialização em gestão escolar, sobre as impressões de escrita de seus memoriais e no que estes têm marcado sua trajetória profissional e pessoal. O referencial de análise inicial é baseado na concepção de Josso no que se refere às experiências de vida e formação, numa tentativa de compreensão das respostas apresentadas e no que estas têm-se refletido na história de vida dos alunos como profissionais e, sobretudo, pessoas em formação.

**Palavras-chave:** Memorial. Narrativa autobiográfica. Formação profissional. Educação a distância.

### 1 Introdução

A rápida evolução da sociedade criou novas necessidades no campo de trabalho e, conseqüentemente, da formação, gerando a busca de alternativas aos sistemas tradicionais. Dentre essas alternativas, cada vez mais crescente e ampliada com a pandemia gerada pela Covid-19, a Educação a Distância (EaD) vem se fortalecendo no cenário educativo de forma que, também, os processos educativos para a formação de formadores têm sido postos em prática através dessa modalidade de ensino.

Entretanto, a expansão e consolidação da formação de professores a distância ainda requer estudos e pesquisas para que seu desenvolvimento não se dê apenas no aspecto quantitativo, mas principalmente, também na sua qualidade. Para tal, entre outros fatores, é interessante que se conheça as concepções que os estudantes têm da EaD e dos instrumentos pedagógicos que vêm sendo empregados nesta modalidade de ensino e suas contribuições para sua formação.

Nesse sentido, a escrita de memoriais tem sido referendada nos processos educativos ligados à EaD tendo em vista que a formação nessa modalidade de ensino demanda a criação

de possibilidades de reflexão sobre a prática vivenciada, com lugares de registros da construção individual em interface com as construções coletivas.

A escrita autobiográfica tem sido reconhecida como uma fonte legítima de pesquisa, com a construção de referenciais que buscam contemplar a especificidade desta forma de narrativa para os percursos de formação pessoal, imbricados com a formação profissional (JOSSO, 2004, 2007, 2020; MIGNOT, BASTOS e CUNHA, 2000; VIÑAO FRAGO, 2000).

Partindo desse ponto de vista, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre a escrita de memoriais como relatos autobiográficos de formação pessoal e profissional e também como estratégia curricular nos processos de EaD. A pesquisa parte de um questionário aberto respondido por professores, alunos de um curso de especialização, oferecido por uma rede estadual de ensino em parceria com uma universidade federal, sobre as impressões de escrita de seus memoriais, e no que estes têm marcado sua trajetória profissional e pessoal. O referencial de análise teve como base a concepção de Josso (2004, 2007, 2020) no que se refere à experiência de vida e formação, em uma tentativa de compreensão das respostas dos cursistas e no que a EaD tem refletido na história de vida dos estudantes como profissionais e, sobretudo, pessoas em formação.

## **2 Educação a Distância: alternativa de formação para profissionais da educação**

Nos dias atuais as políticas públicas precisam atender às demandas de formação inicial e contínua de docentes, sobretudo porque a democratização do ensino requer professores e profissionais da educação com valores, conhecimentos, habilidades e competências que lhes permitam responder aos desafios que lhes apresenta o cotidiano. Assim, uma formação articulada à prática requer a reflexão sobre esta prática.

Por outro lado, é essencial que se considere que os professores e profissionais da educação têm uma visão prática da sua ação e do seu conhecimento (o que fazer, o que programar). Nesse sentido, os profissionais constroem saberes e práticas ao longo de sua trajetória profissional que, embora ainda sejam subvalorizados, constituem os fundamentos de sua prática e competência profissional.

Os registros em memoriais permitem, entre outras coisas, uma oportunidade dos professores perceberem que eles próprios são possuidores de conhecimentos que podem contribuir para compreensão e aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem. O registro da experiência profissional acumulada ao longo de suas vivências, indica a

possibilidade de troca de informações e de discussão crítica, sendo uma das formas de aproximar alunos e tutores.

Muitos fatores têm gerado um crescente interesse pela Educação a Distância, tanto no que se refere à implementação de novos programas, quanto no que diz respeito à avaliação das experiências presentes e passadas. No Brasil, muitas vezes, essa modalidade de educação foi alvo de rejeição ou indiferença. O advento da pandemia gerada pela Covid-19 acarretou a impossibilidade do ensino presencial e a instalação do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Nesse quadro, o interesse pela EaD foi ampliado, e essa modalidade começa a receber maior atenção, embora diferencie-se, em inúmeros aspectos, do ERE.

A educação consta como um direito fundamental, dentre outros documentos, na Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1947, artigo 26). A demanda social pela educação vem crescendo e, apesar das desigualdades e das inúmeras dificuldades constatadas, a universalidade da educação vem se concretizando pouco a pouco. A EaD, cada vez mais, assume um importante papel que tem como característica mobilizar estratégias que viabilizem os princípios e fins da educação. Possibilita a ampliação do direito à educação, através da concepção de novas e criativas formas de acesso.

O espaço físico da escola representa o tradicional *lócus* da educação, porém os processos educacionais não se restringem a um lugar e a determinado tempo. A educação “dura toda a vida e se leva a cabo tanto formal e sistematicamente dentro de currículos estabelecidos, como também não formal e informalmente, pelo intercâmbio de experiências numa vida cotidiana participativa”<sup>1</sup> (HUBERMAN, 1999, p. 21; tradução nossa).

Alguns conceitos costumam a se firmar a partir de suas próprias características; foi o que sucedeu com a Educação a Distância. Os primeiros conceitos apresentavam o que não era Ensino/Educação a Distância, isto é, a qualificavam tomando um referencial externo como paradigma, estabelecendo comparações com a educação presencial (NUNES, 1994). Embora esta comparação não seja de todo inadequada, induz a um entendimento parcial da Educação a Distância. Nos anos 1970-1980 iniciou-se a apresentação da EaD a partir de suas características próprias (PERONA, s.d., s.p.).

---

<sup>1</sup> No original: “dura toda la vida y se lleva a cabo tanto formal y sistematicamente dentro de currículos establecidos como también no formal e informalmente, por el intercambio de experiencias en una participativa vida cotidiana”

A Educação a Distância refere-se a um processo de ensino-aprendizado mediatizado e com um compromisso pedagógico, tanto do aluno quanto do tutor, de acompanhamento e seguimento. Na trajetória da EaD podem ser considerados quatro estágios:

- Primeiro estágio: o uso do material escrito é relevante.
- Segundo estágio: destacam-se os programas veiculados pelo rádio, televisão e vídeo.
- Terceiro estágio: inicia-se o uso da informática como suporte.
- Quarto estágio: os diferentes meios integram-se através de redes.

Bolzan (1998) organizou os pontos chave de diferentes definições das últimas décadas em um esquema que, apesar de sintético, indica a evolução da Educação a Distância:

- AUTOR → CONCEITO
- G. Dohmem → Auto-estudo
- O. Peters → Ensino industrializado
- M. Moore → Métodos Instrucionais
- B. Holmberg → Várias formas de estudo
- W. Perry e G. Rumble → Comunicação de dupla via
- D. Keegan → Separação física

Na atualidade, segundo as condições do contexto, empregam-se diferentes meios, combinados ou não. Os determinantes para uso de uns ou de outros são os recursos financeiros, humanos e tecnológicos ao alcance dos alunos a que se destina o curso (PEDROSA, 2001, p. 29).

### 3 Por que memoriais?

Os participantes da pesquisa aqui apresentada são cursistas de um programa de Educação a Distância (EaD), com material de apoio – módulos e cadernos de exercícios impressos em papel, com encontros presenciais e tarefas atribuídas aos tutores e cursistas, entre estas, a escrita de memórias, descrevendo o estudo de cada módulo.

Como parte do processo avaliativo, os cursistas tinham que apresentar ao final do estudo de cada módulo um memorial, fazendo a ponte entre o que estudaram no módulo e sua vivência docente atuando como gestores escolares. A prática da escrita do memorial se

distingue como um dos principais instrumentos de avaliação nos cursos a distância. Nesse sentido, ao relatar suas experiências, o cursista tem a oportunidade de fazer um retrospecto de suas ações vividas em função do conteúdo estudado.

O fato do interesse pelo memorial como objeto de estudo se deu a partir de nossas observações como tutoras de cursos de EaD, presenciando as dificuldades iniciais dessa escrita, contudo acompanhando a evolução dos cursistas e os relatos informais dos próprios, afirmando a importância desses escritos como fonte de rememoração e oportunidade de buscar memórias que julgavam enterradas.

A abordagem proposta por Josso (2020, p. 42) pressupõe que

as mudanças sociais geram novos problemas pessoais e coletivos que tornam necessário perceber que nossas representações e nosso ponto de vista de observação se tornaram insatisfatórios, até obsoletos ou marcados historicamente. [...] Tudo isso implica manter-se alerta, monitorando a mobilidade e, portanto, a permanência de nossos biótopos humanos.

De fato, em conversas informais com os cursistas, estes apontavam para o fato de que os memoriais têm sido uma oportunidade de rememorar “coisas”, datas e aprendizagens que eles mesmos confessam que “não sabiam que sabiam”.

Essa escrita para “o outro de si mesmo” faz, segundo Josso (2004, p.39) com que a experiência formadora seja articulada com o “saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio de uma pluralidade de registros”.

Interessante observar que a autora assinala que registros, no seu entender, têm várias dimensões: o psicológico, o psicossociológico, o sociológico, o político, o cultural e o econômico (JOSSO, 2004, p. 39). Essas dimensões são possíveis de ser encontradas sem muito esforço na leitura dos memoriais, posto que muitas vezes os relatos autobiográficos revelam passagens vividas e vivenciadas, sentidas e compartilhadas, retratando épocas e tempos.

As associações livres que emergem da rememoração inicial suscitam uma organização coerente sob a chave desses registros, a *narração de si mesmo*, que sendo articulada, encontra-se e distancia-se com a força da narrativa.

As *recordações-referências*, no dizer da autora são simbólicas e significam “uma dimensão concreta e visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores” (JOSSO,

2004, p. 40). Assim, são conjugados aspectos que vivemos e nos ficam nos vários registros narrados acima.

#### 4 O que dizem os memoriais...

Para entendermos melhor como os cursistas vivenciaram a escrita de memoriais, elaboramos um pequeno questionário que foi respondido pelos professores.

Do questionário, além dos dados de identificação – sexo, idade, formação acadêmica, atuação profissional -, constavam 05 perguntas. A primeira delas: “você já havia escrito memorial antes desse curso?”, tinha a intenção de saber se a prática de escrita desse instrumento era comum entre os cursistas. Dos resultados preliminares, a maioria dos respondentes assinalou não. Seguidamente à questão de número um, a próxima pergunta tinha como objetivo ampliar e complementar o sim ou o não anteriores, pedindo que o cursista respondesse “qual a importância do memorial dentro do curso de EaD”.

Uma cursista de 49 anos - Pedagoga, que havia respondido que não havia escrito memorial anteriormente, aponta que: “é importante [a escrita do memorial] na medida em que ajuda na compreensão dos conteúdos apresentados nos módulos”.

Outras falas, em relação ao memorial, foram na mesma direção da apresentada acima:

- Disponibiliza a leitura, fazendo um elo do conteúdo didático a sua vivência profissional. (Pedagoga, 46 anos).

- É uma forma de resumir os assuntos estudados fazendo uma síntese. (Licenciada em Matemática, 46 anos).

Nas três falas apresentadas podemos perceber que a dimensão do conteúdo disciplinar não se encontra isolada da vivência profissional, sendo esta escrita um forma de memorização, mas não mecânica, posto que faz criar ligações entre os pontos estudados, a prática realizada e os novos assuntos a serem apresentados. São percursos de formação, narrados a partir de uma questão de ordem prática: estudar os assuntos tratados. Sendo assim, escrever é trançar o que já se construiu com o que se está erigindo naquele momento, com a visão da prospecção.

A esse respeito Josso (2007, p. 414) diz que

a questão do sentido da formação, vista através do projeto de formação, apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que hoje permeiam os atores sociais, seja no exercício de sua profissão – eles se assumem como porta-vozes dos problemas dos grupos sociais com os quais operam –, seja nas vivências questionadas e questionadoras de sua própria vida.

A terceira pergunta do questionário tinha por objetivo saber as principais dificuldades do cursista na escrita do memorial. Em sua quase totalidade, a resposta foi: “tempo”, ou melhor, a falta dele... O trabalho atribulado, as múltiplas funções acabam por absorver o docente no cotidiano:

- O tempo em escrever. Há uma série de outras atividades que dificultam em achar um tempo para que possa se dedicar ao memorial. (Licenciado em Biologia, 33 anos).

- [falta] o tempo para a leitura dos módulos e, por consequência, a escrita do memorial. (Pedagoga, 32 anos).

Mesmo como um grande empecilho, a falta de tempo não tem sido um denominador de imobilização, sendo “cavado” e construído ao longo e nos embates do dia-a-dia, como atesta a seguinte fala: “[a dificuldade é] Parar para escrever. Uma vez começado, as ideias fluem”. (Licenciada em Pedagogia e Matemática, 46 anos).

Esse “fluir” das ideias é melhor explicitado na questão seguinte, que objetivava que os cursistas dissessem se a prática da escrita do memorial teria sido útil (ou não) no seu trajeto acadêmico no curso, pedindo, que justificassem o que apontavam. Algumas das respostas foram:

- Sim, pois desde julho do ano passado só estava escrevendo mecanicamente, não estava estudando e só executava as tarefas escritas do trabalho. (Pedagoga, 46 anos).

- Sim. Porque marca o registro da trajetória, como se estivéssemos escrevendo o diário de bordo de uma viagem. Faz com que façamos uma reflexão a cada módulo. (Pedagoga, 54 anos; grifos nossos).

Diário de bordo... Esta expressão nos remete ao que diz Josso (2004, p. 43) de que

O processo de conhecimento acentua o inventário dos referenciais e das valorizações e faz emergir os interesses de conhecimento e os seus níveis. A descrição dos processos de formação e de conhecimento, sob a forma de gêneros de saber-fazer e de conhecimento, permite reagrupar o que foi aprendido em termos de transações possíveis consigo mesmo, com seu ambiente humano (incluindo aí os objetos simples ou complexos) e com seu ambiente natural, e oferece igualmente os marcos indispensáveis entre os autores das narrativas.

Assim, ao falar em “viagem”, a “viajante” nos remete ao que aponta Josso anteriormente: as dimensões das experiências vividas como “marcos” do percurso, e do fortalecimento do processo identitário, que é único em sua construção, e agora se faz mais visível em sua narrativa. É ainda Josso (2007) que nos fala de uma permanente articulação das ideias trabalhadas nessa narrativa com o presente, o passado e o futuro, começando-se por aí a ser elaborado um *projeto de si*, orientando a continuação dessa história pela consciência de suas fragilidades e recursos, pelas expectativas e desejos e, sobretudo, pelos projetos de vida únicos.

As falas também ressaltam a reflexão como um recurso de estudo, mas que não está descolado da “vida vivida” no cotidiano, se mostrando como uma oportunidade ímpar de ser o gatilho que proporciona um mergulho nas memórias e fatos vividos, presenciados, protagonizados por quem, agora, é também espectador de sua própria vida-vivida.

A última pergunta do questionário tinha a intenção de perceber até que ponto os memoriais, como instrumentos acadêmicos, tinham uma imbricação com as lembranças da vida pessoal em contraposição aos aspectos profissionais: “o que você destacaria como contribuição da escrita do memorial para o âmbito de sua vida pessoal?” Algumas respostas foram:

- Que tudo tem que ter uma sequência, e que não podemos queimar etapas. Que o memorial é com a vida. Trazemos uma bagagem, aprendemos ao longo da vida e a soma disto nos transforma no que somos. Transformados pelas experiências vamos ter mais consciência de nossas ações, pois já conhecemos os efeitos delas em nossas vidas. (Pedagoga, 46 anos; grifos nossos).

Josso (2004, p. 60) ilumina essa dimensão quando aponta que

elaborar sua narrativa de vida e a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que torna-se autor ao pensar a sua vida na globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectivação dos desafios do presente entre memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal. Numa palavra, **é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade.** (grifos nossos)

Dessa forma, quando a cursista nos diz “*que o memorial é com a vida*”, a ênfase parece concentrar-se no “é”, como uma maneira de reforçar a dimensão indelével entre o que se viveu e o que se construiu.

Ainda na perspectiva do projeto que implica os aspectos do presente, passado e futuro, não necessariamente nesta ordem, uma cursista, quando perguntada sobre as contribuições que a escrita do memorial estava trazendo para a vida pessoal, novamente pode-se perceber a não-dicotomia entre pessoal e profissional:

- Tudo, pois faz muito bem voltar no tempo anterior e no atual. (Pedagoga, 60 anos).

Nesse sentido, Josso (2007, p. 416) nos diz que

as situações educativas são, desse ponto de vista, um lugar e um tempo em que o sentido das situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais pode ser tratado em diferentes registros, a fim de facilitar uma visão de conjunto, de aumento da capacidade de intervenção pertinente na própria existência e de otimizar as transações entre os atores mobilizados pela situação do momento.

Assim, escrever memoriais é escrever a história como testemunha ocular, vista e vivida com olhos que são seus, que viram e viveram acontecimentos exteriores e que também acabam por construir o sujeito ocular.

## 5 Considerações Finais

A opção por memoriais como prática didático-pedagógica e curricular nos processos de Educação a Distância tem se mostrado como uma estratégia potente e bastante válida e, sobretudo, como reflexão sobre as questões cotidianas enfrentadas pelos docentes, gestores ou não, para entender mais profundamente as dinâmicas de sua formação em serviço. Os memoriais, de forma direta, proporcionam o exercício da escrita como um importante registro de ações, as quais desencadeiam reflexões sobre os projetos de vida individuais que se cruzam coletivamente, conforme ressalta Josso em sua obra.

Dessa forma, inventariar os acontecimentos ordinários acaba por torná-los quase extraordinários, levando-se em conta que esses registros são únicos a partir do olhar e das vivências de quem os redigiu, com suas peculiaridades e modos de observação e ação.

Poderíamos aqui permanecer discorrendo sobre as respostas, complementando-as com os relatos orais dos cursistas que, gentilmente, responderam a nossa pequena pesquisa, mas

não é a intenção porque, mesmo com toda a análise que fizéssemos, não conseguiríamos abranger a riqueza dos testemunhos registrados. E também porque a vida não se resume ao que nos contaram os cursistas: a vida é com as memórias que se fundem no coletivo, na história e nos projetos de si.

## Referências

BOLZAN, Regina de Fátima Frutuoso de Andrade. **O conhecimento tecnológico e o paradigma educacional**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Engenharia de Produção na área de Mídia e Conhecimento) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158192>. Acesso em: 09 out. 2021.

PALMA, Sonia. Cartografia do imaginário: a dimensão poética e fenomenológica da educação ambiental. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

HUBERMAN, Susana. **Cómo se forman los capacitadores** – arte y saberes de su profesión. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 1999.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf). Acesso em: 08 out. 2021.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em: 08 out. 2021.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Assembléia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948.

PEDROSA, Stella Maria Peixoto de Azevedo. A Formação Continuada de Professores no Ambiente da Educação a Distância. **Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação)** – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001.

PERONA, Hada G. Juárez de. **Aprender y enseñar a distancia**. Universidad Nacional de Córdoba. Argentina: Portal Educar, s.d. Disponível em [http://www.educ.ar/educar/servlet/Downloads/S\\_COLECCIONES\\_FIN/INTER03.PDF](http://www.educ.ar/educar/servlet/Downloads/S_COLECCIONES_FIN/INTER03.PDF). Acesso em: 15 dez. 2000.

VIÑAO FRAGO, Antonio. A modo de prólogo, refúgios del yo, refugios de otros. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria

Teresa Santos (org). **Refúgios do eu.** Educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-15.